

**O INTERNACIONALISMO MÉDICO E A AJUDA HUMANITÁRIA DE CUBA
NA PANDEMIA DE COVID-19****MEDICAL INTERNATIONALISM AND CUBAN HUMANITARIAN AID IN
THE COVID-19 PANDEMIC****INTERNACIONALISMO MÉDICO Y AYUDA HUMANITARIA CUBANA EN
LA PANDEMIA DE COVID-19**Kelvin Araújo da Nóbrega Dias¹**RESUMO**

Diante da pandemia de COVID-19, Cuba destacou-se internacionalmente pela cooperação baseada na solidariedade e amizade entre os povos. Este artigo examina a cooperação humanitária cubana durante a pandemia, focando no envio de médicos para outros países. Analisa-se o ideário de José Martí e as ideias político-sociais de Marx, Engels e Lenin, e sua influência nos valores cubanos, especialmente entre os profissionais médicos. A discussão aponta que a postura de Cuba na cooperação internacional é influenciada por sua experiência revolucionária. O estudo conclui que a solidariedade de Cuba é um exemplo a ser seguido, e que sua atuação humanitária reforça os valores revolucionários e de justiça social, especialmente no contexto das brigadas médicas enviadas para combater a COVID-19 em diversos países. Este modelo de internacionalismo médico também é analisado como uma resposta eficiente às necessidades globais durante a pandemia, refletindo a capacidade de Cuba de superar desafios internos e contribuir para o bem-estar global.

Palavras-chave: Cooperação Internacional em Saúde. Cuba. COVID-19.

ABSTRACT

In the face of the COVID-19 pandemic, Cuba has stood out internationally for its cooperation based on solidarity and friendship among peoples. This article examines Cuban humanitarian cooperation during the pandemic, focusing on the deployment of doctors to other countries. It analyzes the ideals of José Martí and the political and social ideas of Marx, Engels, and Lenin, and their influence on Cuban values, especially among medical professionals. The discussion points out that Cuba's stance on international cooperation is influenced by its revolutionary experience. The study concludes that Cuba's solidarity is an example to be followed, and that its humanitarian actions reinforce revolutionary and social justice values, especially in the context of the medical brigades sent to combat COVID-19 in various countries. This model of medical internationalism is also analyzed as an efficient response to global needs during the pandemic, reflecting Cuba's ability to overcome internal challenges and contribute to global well-being.

Keywords: International Cooperation in Health. Cuba. COVID-19.

RESUMEN

¹ Mestre em Relações Internacionais. UEPB. <https://orcid.org/0009-0004-4987-3934>.
kelvinkand@gmail.com



Frente a la pandemia de COVID-19, Cuba se ha destacado internacionalmente por su cooperación basada en la solidaridad y la amistad entre los pueblos. Este artículo examina la cooperación humanitaria cubana durante la pandemia, centrándose en el envío de médicos a otros países. Se analizan los ideales de José Martí y las ideas políticas y sociales de Marx, Engels y Lenin, y su influencia en los valores cubanos, especialmente entre los profesionales médicos. La discusión señala que la postura de Cuba en la cooperación internacional está influenciada por su experiencia revolucionaria. El estudio concluye que la solidaridad de Cuba es un ejemplo a seguir, y que sus acciones humanitarias refuerzan los valores revolucionarios y de justicia social, especialmente en el contexto de las brigadas médicas enviadas para combatir la COVID-19 en varios países. Este modelo de internacionalismo médico también se analiza como una respuesta eficiente a las necesidades globales durante la pandemia, reflejando la capacidad de Cuba para superar desafíos internos y contribuir al bienestar global.

Palabras clave: Cooperación Internacional en Salud. Cuba. COVID-19.

INTRODUÇÃO

Diante da pandemia de COVID-19, Cuba destacou-se internacionalmente pela cooperação baseada na solidariedade e amizade entre os povos. Este artigo examina a cooperação humanitária cubana durante a pandemia, com foco no envio de médicos da brigada Henry Reeve para outros países. Tais profissionais tem uma histórica atuação no atendimento às vítimas do ebola na África Ocidental que é reconhecida mundialmente pela Organização Pan-Americana da Saúde (PAHO/WHO, 2017). Neste sentido, analisa-se o ideário de José Martí e as ideias político-sociais de Marx, Engels e Lenin, e sua influência nos valores cubanos, especialmente entre os profissionais médicos. A questão central desta pesquisa é: Como a cooperação internacional cubana reflete os valores de sua experiência revolucionária?

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa para analisar a cooperação humanitária internacional de Cuba durante a pandemia de COVID-19, com foco específico no envio de médicos da Brigada Henry Reeve a diversos países. Primeiramente, a revisão bibliográfica envolveu fontes primárias e secundárias, com a análise de documentos governamentais, como pronunciamentos do governo da presidência de Cuba e notícias do Ministério de Relações Exteriores, além de artigos acadêmicos, livros e estudos de caso sobre a cooperação médica cubana. Temas centrais como o ideário de José Martí, as ideias político-sociais de Marx, Engels e Lenin, e sua influência nos valores cubanos foram identificados e explorados para entender como moldam a postura de Cuba na cooperação internacional. Em seguida, a análise documental incluiu declarações oficiais do governo cubano detalhando as atividades da Brigada Henry Reeve durante a pandemia e uma notícia da Reuters contendo falas de

um médico cubano. Desta forma, trata-se de um estudo de caso, examinando o caráter revolucionário das missões da Brigada Henry Reeve em países afetados pela COVID-19, como a Itália, bem como outros países da América Latina e África.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: inicialmente é feita uma discussão acerca do conceito de ajuda humanitária ou cooperação humanitária internacional. Em seguida, analisa-se o lastro histórico do internacionalismo médico (IM) cubano, observando alguns casos de ajuda humanitária internacional de Cuba no âmbito da saúde. Por fim, analisa-se a ajuda humanitária de Cuba frente a pandemia de COVID-19, demonstrando valores como a solidariedade e a amizade entre os povos. Deste modo, o internacionalismo médico cubano demonstra estar interligado à experiência revolucionária, no qual os indícios do comportamento solidário, que várias camadas da população adotam em sua prática de vida, aparentam conexão com os valores da revolução. Sabe-se que a ilha sofre um embargo econômico cruel (Amnesty International, 2009), então o internacionalismo médico também é um meio de realizar as necessidades materiais e econômicas do país, cuja capacidade produtiva é bastante limitada.

Conclui-se a discussão apontando que a postura de Cuba na cooperação é consequência de sua experiência revolucionária, influenciada por ideários leninistas, bem como pelo legado de José Martí, evidenciando as peculiaridades de uma experiência em uma ilha latino-americana. A solidariedade de Cuba para com outros países diante do coronavírus é uma referência a ser seguida. Ademais, é possível relacionar o internacionalismo médico cubano aos conceitos de ajuda humanitária, visto que, Cuba, diante de desastres naturais e epidemias, ajudou países com o envio de remessas de materiais essenciais e de técnicos e especialistas, beneficiando as populações locais.

AJUDA HUMANITÁRIA OU COOPERAÇÃO HUMANITÁRIA INTERNACIONAL

As origens históricas das políticas de ajuda humanitária remontam ao fim da Primeira Guerra Mundial, quando os programas de assistência humanitária baseados na necessidade de socorrer as vítimas inocentes do conflito tornaram-se uma questão de preocupação para os líderes políticos Aliados. Tendo em vista a extensão do sofrimento das vítimas da Primeira Guerra Mundial ter sido sem precedentes, as instituições privadas de caridade, que antes interviam, não podiam direcionar recursos suficientes

para aliviar a fome e as doenças na escala que as circunstâncias agora demandavam (Belgrad, 1997).

É interessante notar que, de acordo com o autor supracitado (Belgrad, 1997), um dos esforços de ajuda humanitária do então presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, conhecido como Missão Hoover-Nansen, tinha como objetivo fornecer “ajuda” aos sobreviventes da Guerra Civil Russa.

Na verdade, este último esforço foi projetado para usar o mecanismo de ajuda humanitária como uma cortina atrás da qual um programa político subversivo antibolchevique poderia ser executado. Na sequência do fracasso das intervenções militares aliadas para forçar um resultado anti-soviético para a Guerra Civil Russa, Hoover e seus associados decidiram usar, como um cavalo de Tróia, para se infiltrar e subverter o governo soviético, comida, remédios e os meios essenciais para reconstruir a economia. Mais particularmente, ao criar um sistema de distribuição de alimentos e remédios fora do controle do governo soviético, Hoover esperava estabelecer um centro de poder alternativo por meio do qual a lealdade das populações receptoras, enfraquecidas como estavam no final da guerra civil por fome massiva e doenças, pode se voltar contra os bolcheviques. Lenin reconheceu que motivos ocultos inspiraram essas ofertas de ajuda humanitária e se recusou a submeter seu regime a atividades subversivas disfarçadas de esforços de ajuda internacional. Em última análise, a ajuda foi fornecida sem as condições onerosas originais; foi oferecido exclusivamente para satisfazer objetivos humanitários (Belgrad, 1997, p. 4, tradução nossa).

Embora os primeiros esforços de ajuda humanitária dos Estados Unidos tivessem segundas intenções, funcionando como um meio de imperialismo — conforme apontamentos posteriores de Lênin (2021), para impedir que uma orientação política divergente prevalecesse — isso não impede que países socialistas pratiquem a ajuda humanitária, como demonstrado pelo caso de Cuba analisado neste artigo.

As atividades do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) são guiadas por quatro princípios: humanidade, neutralidade, imparcialidade e independência. Tais princípios fornecem as bases para a ação humanitária, sendo essenciais para estabelecer e manter o acesso às pessoas afetadas, seja em um desastre natural ou em uma emergência complexa, como um conflito armado. Esses princípios humanitários têm suas origens nos princípios fundamentais, que há muito orientam o trabalho do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha/Crescente Vermelho (OCHA, 2017).

A cooperação se caracteriza por seus vários tipos, entre eles: ações de cooperação de preferências comerciais, cooperação econômica, ajuda financeira, assistência técnica, cooperação científico-tecnológica, ajuda humanitária, ajuda de emergência e ajuda alimentar (Aristizábal, 2010, p. 10). O que interessa a esta pesquisa é o conceito de Ajuda Humanitária ou Cooperação Humanitária Internacional, no qual Aristizábal (2010, p. 12) define ajuda humanitária e de emergência como aquela em que diante de desastres naturais e conflitos de guerra, a comunidade internacional responde com o envio de remessas de materiais essenciais (como roupas, alimentos, medicamentos, etc.) e de técnicos e especialistas (equipe médica e equipes de resgate, etc.), onde os beneficiários são populações locais na área, refugiados ou pessoas deslocadas internamente.

Galán e Sanahuja (1999) apontam que a ajuda humanitária e de emergência é uma das formas adotadas pela cooperação para o desenvolvimento, onde a ajuda humanitária constitui uma resposta da comunidade internacional a emergências, como as decorrentes de desastres naturais, epidemias ou pragas ou conflitos armados. Os beneficiários da ajuda de emergência são as populações mais vulneráveis que sofrem diretamente com essas situações, in loco, ou as populações de refugiados ou pessoas deslocadas internamente. Portanto, o caso aqui trabalhado se encaixa como ajuda humanitária tendo em vista que esse modelo de cooperação pode ser uma resposta a uma epidemia, no caso, a do coronavírus.

A partir dos anos 1960, os países-membros do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD), da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – cujas origens concernem à Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID) na forma do Plano Marshall –, passaram a ser conhecidos como doadores tradicionais, enquanto os países do chamado terceiro mundo – este sendo um grupamento altamente heterogêneo – eram identificados como recipiendários, ou seja, aqueles que recebiam assistência. Contemporaneamente na CID, os países que antes eram apenas recipiendários, passaram a ser doadores ou até doadores e recipiendários ao mesmo tempo (Souza, 2014). Vale salientar que na evolução histórica da Cooperação Norte-Sul, mais evidente nos anos 1960, surgiu a Aliança para o Progresso, programa de investimentos dos Estados Unidos na América Latina que objetivava conter a ameaça comunista, principalmente depois da revolução cubana (Milani, 2014).

Observa-se que Cuba, tendo sofrido vários embargos ao longo dos anos, não se encaixava como país recipiendário na cooperação Norte-Sul, mesmo sendo do Terceiro



Mundo. Melhor dizendo, Cuba tem sido alvo de embargos econômicos por parte dos Estados Unidos por décadas, o que limitou sua capacidade de acesso a recursos e assistência internacional (Amnesty International, 2009). Esses embargos têm sido uma fonte de dificuldades econômicas e sociais para Cuba e têm afetado sua posição como recipiente de ajuda externa tradicional. No entanto, apesar dos desafios enfrentados, Cuba desenvolveu um sistema de saúde robusto e uma indústria farmacêutica relativamente avançada (Rollo; Weber, 2018). Essa capacidade técnica permitiu que Cuba se tornasse um doador na cooperação humanitária, especialmente em situações de crise como a pandemia de COVID-19. Contemporaneamente, Cuba emergiu como um país doador durante a pandemia de coronavírus, oferecendo assistência médica, incluindo envio de equipes de saúde e fornecimento de medicamentos, para várias nações necessitadas ao redor do mundo (Silva-Valido et al., 2021; Torres; Villar, 2023). Isso é uma demonstração do compromisso de Cuba com a solidariedade internacional e sua capacidade de superar as adversidades impostas pelos embargos econômicos para contribuir positivamente para o bem-estar global.

O INTERNACIONALISMO MÉDICO CUBANO

José Martí, um líder revolucionário e escritor cubano, é retratado como uma figura central na formação da identidade revolucionária cubana, com sua ênfase na soberania nacional e na luta contra o imperialismo. A ilha conta com uma estátua de José Martí na Praça da Revolução em Havana como um símbolo do papel fundamental que Martí desempenhou na formação das ideias e dos ideais que inspiraram o movimento revolucionário cubano (Martí, 1983; Streck, 2013; Sampaio, 2013).

Embora o marxismo-leninismo tenha se tornado uma influência significativa no desenvolvimento posterior da revolução cubana de 1959, argumenta-se que o movimento inicial não estava estritamente alinhado com essa ideologia. Em vez disso, a Revolução Cubana, originada principalmente a partir do Movimento 26 de Julho liderado por Fidel Castro, tinha suas raízes na luta pela libertação nacional, como defendido por José Martí (Bandeira, 2012; DeFronzo, 2021). Posteriormente, Castro descreveu o marxismo-leninismo em 1961 como a teoria revolucionária e verdadeira para guiar a experiência da ilha a partir de então (Medin, 1997; Castro, 2017). Assim, a narrativa inicial da revolução é entendida como uma busca pela justiça social e pela liberdade política, em vez de uma luta diretamente ligada ao marxismo-leninismo. Esse entendimento destaca a complexidade da revolução ao longo do tempo, oferecendo uma

perspectiva crítica sobre as narrativas simplificadas que ligam automaticamente a revolução ao marxismo-leninismo desde o início.

Isto posto, entende-se que o internacionalismo médico cubano tem suas raízes no internacionalismo proletário, na amizade fraterna, na ajuda, na cooperação e na solidariedade dos povos do mundo, tendo como base genealógica os ideais revolucionários de Martí, Marx, Engels e Lenin.

Na medida em que o regime político foi evoluindo, a reforma constitucional de 1992 trouxe diversas mudanças políticas em relação à carta de 1976:

No novo texto, as referências às relações com o antigo bloco socialista são substituídas pelo apoio “ao internacionalismo proletário, à amizade fraterna, à ajuda, à cooperação e à solidariedade dos povos do mundo, especialmente os da América Latina e do Caribe”. No âmbito da reivindicação de antecedentes no pensamento revolucionário, a anterior invocação do marxismo-leninismo dá lugar ao “ideário de José Martí e as ideias político-sociais de Marx, Engels e Lenin” (Constitución de La República de Cuba, 1992 apud Ayerbe, 2004, p. 90).

A formação médica de Che Guevara e sua compreensão do trabalho voluntário como expressões de solidariedade e compromisso social estão intimamente ligadas ao espírito de cooperação e ajuda humanitária que caracteriza o internacionalismo médico cubano. Enquanto Guevara personificava esses valores na prática, Cuba, como nação, institucionalizou-os em sua política externa de assistência médica. Isto salienta como a influência da formação médica de Che e sua compreensão do voluntariado estão entrelaçadas com o notável internacionalismo médico de Cuba, destacando a continuidade de valores revolucionários e humanitários que permeiam a história e a política cubanas (Guevara, 2015; Lazzaretti, 2000; Silva, 2022).

Em 2009 ocorreu um desenvolvimento significativo na Cúpula das Américas, realizada em Trindade e Tobago, quando o presidente Barack Obama chamou a atenção para o papel do programa de cooperação médica cubano, propondo até que Washington pudesse aprender com a abordagem cooperativa usada por Cuba nos países em desenvolvimento (Kirk, 2015). O papel de Cuba em seu internacionalismo médico (IM) começou em 1960, quando uma equipe de especialistas em medicina de emergência voou para o Chile após um terremoto devastador. Desde então, o país se envolveu em dezenas de missões médicas, salvando milhões de vidas. Nenhuma outra nação chegou

perto de se igualar a cooperação humanitária de Cuba, principalmente nos países em desenvolvimento (Kirk, 2015).

Kirk (2015) relata que em maio de 1963, uma delegação médica cubana foi transportada para a Argélia, enfrentando desafios significativos de adaptação. Os voluntários, desprovidos de passaportes e familiaridade com o idioma e a cultura local, encontraram-se em uma situação desconhecida e desafiadora. No entanto, apesar das dificuldades iniciais, os médicos cubanos demonstraram um compromisso inabalável com sua missão humanitária, recusando-se a cobrar pelos serviços médicos e tratando os pacientes com respeito, mesmo em um ambiente onde suas práticas e valores eram estranhos para os médicos locais. Essa narrativa ilustra a coragem e a dedicação dos médicos cubanos, assim como a profundidade do compromisso de Cuba com a cooperação médica internacional, que continuou a ser reconhecida e elogiada décadas depois, como evidenciado pelo elogio de Obama em 2009. Esses acontecimentos mostram a persistência e a evolução do internacionalismo médico cubano ao longo do tempo, destacando sua importância contínua na cena global da saúde e da solidariedade internacional.

Ainda falando dos anos 60, Cuba ofereceu sua cooperação médica a várias outras nações em desenvolvimento, principalmente na África, mas também no Vietnã do Norte, onde especialistas em cirurgia, ortopedia, anestesia e áreas maxilofaciais prestavam apoio. Desde 1965, no Congo, a equipe médica cubana trabalhou ao lado dos guerrilheiros que apoiavam Patrice Lumumba na luta contra Mobutu Sese Seko. Havia apenas nove médicos no país para uma população de quase 900.000 habitantes no momento da chegada dos primeiros cubanos. Em 1966, a situação foi agravada por um surto de poliomielite. Para planejar uma campanha nacional para impedir a propagação da doença, o governo cubano enviou o Dr. Helenio Ferrer, chefe de epidemiologia na ilha. Como resultado, as vacinas foram enviadas de Moscou e a equipe médica cubana foi distribuída nas três regiões do país para administrar as vacinas contra a poliomielite. Foi a primeira campanha de vacinação em massa do continente, onde cerca de 61.000 crianças congoleesas foram vacinadas na primeira campanha antipólio da África (Kirk, 2015; Fitz, 2020).

Em 1966, havia apenas um médico estrangeiro para toda a população da Guiné-Bissau. Com isso, um pequeno grupo de médicos cubanos também chegou, a pedido do líder guerrilheiro Amílcar Cabral, que havia visitado Fidel Castro e solicitado assistência. Eles foram ajudar em um território de cerca de 540.000 pessoas, controlado



por guerrilha. Os deveres giravam em torno de ajudar o exército guerrilheiro e os civis. Os médicos cubanos procuraram guineenses talentosos e os treinaram em habilidades básicas de enfermagem por dois meses, pois a necessidade era muito grande (Kirk, 2015; Laranjeiro, 2020).

Em meados de 1970 pode ser datada a segunda etapa do programa de internacionalismo médico de Cuba, principalmente após o crescimento de seu papel na Angola. Essa derivou grande benefício das experiências na África Subsaariana após o final da década de 1960. Esse período durou vários anos, envolveu a contribuição de centenas de profissionais médicos e lançou as bases para a expansão da cooperação médica cubana em toda a África. A abordagem que inicialmente era fornecer apoio médico a uma missão militar maciça logo evoluiu para uma estratégia multifacetada. Isso envolveu o envio de muitas equipes médicas para dezenas de países africanos, com o objetivo de fornecer tratamento médico básico em comunidades carentes (um programa chamado PIS, o Programa Integral de Salud ou Programa de Saúde Integral). Ademais, Cuba estabeleceu faculdades de medicina em vários países africanos e forneceu treinamento em Havana a milhares de jovens, mostrando potencial para estudos médicos. Enquanto em várias áreas da América Latina Cuba prestou cooperação médica durante esses anos, o papel na África diminuiu esses esforços (Kirk, 2015; Squires et al., 2020).

Kirk (2015) aponta que após a experiência angolana a cooperação médica cubana se espalhou rapidamente na África, principalmente na África Subsaariana. Segundo Julie Feinsilver (1993 apud Kirk, 2015, p. 25-26, tradução nossa), estavam recebendo apoio médico cubano no final de 1988 mais de 30 países da África, assim como outros em todo o mundo:

Entre eles, Argélia (que começou em 1963), Mali (1965), Congo (1965), Tanzânia (1966), Guiné-Conacri (1967), Vietnã (1969), Democrática (Sul) Iêmen (1972), Guiné Equatorial (1973), Laos (1973), Guiné-Bissau (1975), São Tomé e Príncipe (1976), Angola (1976), Guiana (1976), Ilhas Cabo Verde (1976), Moçambique (1977), Benim (1977), Etiópia (1977), República Árabe do Saara (1977), Iraque (1978), Kampuchea (1979), Nicarágua (1979), Uganda (1979), Burundi (1980), Seychelles (1980), Gana (1983), Kuwait (1985), Burkina Faso (1985), Zimbábue (1986), Sri Lanka (1986), Maldivas (1988) e Botswana (1988). Essa foi uma contribuição humanitária que os países industrializados não conseguiram aproximar.

A cooperação médica sob Raúl Castro passou a ser uma forte fonte de renda para a economia nacional. Por exemplo, no caso do Brasil, Cuba enviou 11.400 médicos em 2013–14, e essa exportação de serviços médicos trouxe cerca de \$400 milhões de dólares para Havana. No entanto, significativamente, a maioria dos países mais pobres do mundo em desenvolvimento geralmente recebe esses serviços sem nenhum custo ou com uma taxa fortemente subsidiada. Em 1998, o internacionalismo médico de Cuba, com o impacto devastador do furacão Mitch na América Central e do furacão Georges no Haiti, resultou em várias iniciativas que o lançaram em um estágio dramaticamente novo. 29 países, incluindo 20 na África, estavam sendo fortemente subsidiados recebendo cuidados médicos do PIS (Werlau, 2011; Kirk, 2015; Yaffe, 2023).

A assistência aos países caracteriza-se por uma estratégia de duas vias. Cuba assumiu o compromisso de manter o pessoal médico nas áreas afetadas enquanto os governos de lá quisessem que eles ficassem. Eles permanecem até hoje, embora Cuba agora pague uma quantia modesta por esses serviços. Ademais, Cuba treinou mais de 2.000 médicos da região para contribuir com um sistema de saúde sustentável. De fato, em ambos os países o impacto do IM cubano foi significativo. Por exemplo, na Guatemala, cerca de 3.500 médicos cubanos já haviam atendido em 2009, especialmente em comunidades indígenas, e na época quase 400 permaneceram. As taxas de mortalidade infantil e materna foram reduzidas em mais da metade nas áreas em que trabalhavam. Nessa época, cerca de 470 guatemaltecos haviam se formado como médicos na Escola Latino-Americana de Havana (ELAM), com outros 600 ainda estudando em Cuba (Huish, 2008; Kirk, 2015).

Honduras é outro exemplo semelhante, em 2009, onde cerca de 300 equipes médicas trabalhavam nos 18 departamentos do país. 1.550 cubanos haviam servido lá ao todo. No total, 461 estudantes se formaram na ELAM como médicos, enquanto 1.200 continuaram estudando em Cuba. A equipe médica cubana prestou assistência em 85 mil nascimentos. A taxa de mortalidade infantil era de pouco mais de 10 por 1.000 nascidos vivos nas regiões onde o pessoal médico cubano trabalhava - em comparação com a média nacional de 37 por 1.000 (Kirk, 2015; Erisman; Kirk, 2018).

Depois de 1998, um ponto focal do programa de IM de Cuba foi o seu compromisso de apoiar os países mais afetados pelo furacão Mitch. Outra característica considerável foi a entrega de equipes de emergência especializadas em resposta a desastres naturais. Resultante disso, o governo fundou o contingente Henry Reeve. O papel médico de Cuba na Venezuela também foi um desenvolvimento significativo



durante o período pós-Mitch. Sendo este o maior programa de cooperação médica de Cuba com 30.000 funcionários médicos trabalhando no país no ápice. Tendo sido iniciado com a chegada de pessoal cubano para trabalhar no programa “Misión Barrio Adentro”, inicialmente localizado nas áreas carentes de Caracas. Trabalhadores médicos cubanos também estão trabalhando em centenas de clínicas, centros médicos e hospitais estabelecidos pelo governo Chávez enquanto o programa está em andamento. Muitos também estão envolvidos no programa de oftalmologia que até hoje restaurou a visão de mais de um milhão de venezuelanos, o “Misión Milagro”. A Operação Milagro também é importante de ser mencionada, pois cerca de 3 milhões de pessoas de Cuba, América Latina, Caribe e algumas partes da África se beneficiaram deste programa, que oferece cirurgia ocular gratuita, principalmente para pessoas com recursos limitados. O tratamento de 25.000 crianças, principalmente da Ucrânia, após a explosão do reator nuclear de Chernobyl em 1986 é um dos aspectos mais negligenciados do internacionalismo médico cubano. Apesar da União Soviética estar em colapso na época e levar consigo 86% da economia cubana, Cuba começou a tratar essas crianças em Havana nesse período. Apesar do início do “Período Especial”² em Cuba que se seguiu à implosão da União Soviética, assim como do aperto e escassez que resultou, Cuba continuou a tratar as crianças gratuitamente até o programa ser concluído em 2011 (Artaraz, 2009; Kirk, 2015).

A década de 1998 foi fundamental para a formação do perfil de IM de Cuba. Os programas de cooperação médica se expandiram por toda a América Latina e no Caribe durante esse período. Essa expansão foi graças, até certo ponto, ao forte compromisso de Fidel Castro, com suas ideias resultando em extraordinárias iniciativas na saúde. Na graduação da primeira turma de estudantes da ELAM, ele apresentou a filosofia básica do IM de Cuba. Ele avaliou primeiro o valor de treinar um médico - aproximadamente US \$ 300.000 nos EUA, enquanto Cuba treinava atualmente 12.000 médicos na ilha (no valor de mais de US \$ 3 bilhões, usando dados internacionais para educação médica), e planejava treinar 100.000 médicos de países em desenvolvimento dentro de uma década, sendo que uma contribuição aos países pobres do mundo vale US \$ 30 bilhões (Kirk, 2015).

² O “Período Especial” em Cuba foi uma crise econômica severa após o colapso da União Soviética, levando a escassez de recursos e medidas de emergência pelo governo, incluindo racionamento e promoção do turismo. Apesar dos desafios, Cuba manteve serviços básicos e promoveu a solidariedade entre os cubanos. O país gradualmente se recuperou diversificando suas relações comerciais e implementando reformas econômicas.

A combinação de valores, marca registrada do IM cubano desde 1960, de acordo com o próprio Fidel Castro Ruz (2005, apud Kirk, 2015, p. 34) que é o segredo:

Está no fato sólido de que o capital humano vale muito mais que o capital financeiro. O capital humano envolve não apenas conhecimento, mas também - e isso é essencial - consciência, ética, solidariedade, sentimentos verdadeiramente humanos, um espírito de sacrifício, heroísmo e a capacidade de fazer um pouco percorrer um longo caminho.

A direção de 2006, o então internacionalismo médico cubano que pode ser explicado em grande parte pelas iniciativas de Fidel Castro, passa a ser entendida pelos objetivos de seu irmão, Raúl Castro, e em particular seus esforços para promover, dentro do modelo socialista, reforma econômica. Cuba passou a enfrentar dificuldades desde que Raúl assumiu o poder. Ademais, Cuba passou por uma série de desastres naturais: em 2008, por exemplo, três grandes furacões chamados Gustav, Ike e Paloma atingiram a ilha. Devido à dificuldade de Cuba em lidar com as dificuldades econômicas, é compreensível que um programa tão importante e caro como o do internacionalismo médico seja examinado pelo governo. Em abril de 2011, ocorreu o sexto congresso do Partido Comunista de Cuba. A colaboração médica foi discutida em várias das cláusulas e foi decidido que era uma política importante, principalmente em termos da economia cubana, sendo cada vez mais como uma importante fonte de financiamento. Foi estipulado que sempre que possível seja considerada uma compensação pelo menos pelo custo da colaboração humanitária. No entanto, iriam continuar desenvolvendo a solidariedade internacional por meio dos programas de colaboração, estabelecendo os dados econômicos e estatísticos necessários que os permitirão realizar as análises necessárias, principalmente de custo (Perez-López, 2012; Kirk, 2015).

De acordo com um relatório do Ministério da Saúde Pública de março de 2014 (apud Kirk, 2015) existem três modalidades de cooperação internacional em saúde: um pequeno núcleo de países em que Cuba assume a maior parte dos custos, outros em que os custos são divididos com o país anfitrião e um terceiro grupo no qual os países pagam, mas com um custo mais barato do que pagariam pelos serviços médicos no mercado internacional. Com isso, o pensamento de Raúl passou a ter um peso importante, onde o custo-benefício passou a ser analisado antes de concordar em cooperar. Concomitantemente, o governo continua comprometido em fornecer cooperação quando necessário, como Raúl Castro apontou em um discurso de fevereiro de 2010,



onde ele fala sobre o comprometimento de Cuba em ajudar o Haiti o tempo que for necessário desde que o governo do Haiti queira que a cooperação continue, mesmo com Cuba sofrendo embargo e sendo um país em desenvolvimento. A fala foi especificamente em relação ao Haiti, mas pode-se notar um compromisso geral nas suas palavras (Kirk, 2015; Biegon, 2021).

Sobre a brigada Henry Reeve, Kirk (2015, p. 36, tradução nossa) aponta que:

Cuba é o único país do mundo em que uma brigada de vários milhares de especialistas em medicina de emergência está em espera. Como isso foi afetado pela aplicação da abordagem de Raúl Castro? Nos últimos anos, a brigada Henry Reeve atuou na Guatemala e Paquistão (2005), Bolívia (2006), Indonésia (2006), Peru (2007), México (2007), China (2008) e Haiti e Chile (2010). Em maio de 2015, Cuba enviou uma brigada de emergência de 49 especialistas ao Nepal, após o terremoto no local.

No outono de 2014, Cuba mostrou que, a despeito da crescente importância da exportação de serviços médicos como forma de gerar renda, o governo também responderia aos necessitados (Kirk, 2015). Um exemplo foi em setembro quando Cuba enviou seis toneladas de suprimentos médicos para Gaza após o conflito de 50 dias entre Israel e o Hamas que matou mais de 2.100 palestinos. O que pode ilustrar o apoio de Cuba aos países em desenvolvimento da África foi o surto de Ebola em vários países da África Ocidental (Molina; Tasca; Suárez, 2016). Cuba respondeu a um pedido de ajuda da OMS enviando 103 enfermeiros e 62 médicos no início de outubro à Serra Leoa, nenhum outro país contribuiu tanto quanto com equipe de saúde. Logo estavam presentes 256 médicos cubanos trabalhando na campanha do Ebola, várias centenas estavam sendo treinados para se juntar a eles. Professores de medicina cubanos treinam médicos em várias escolas, mais recentemente eles atuaram no Timor-Leste e na Venezuela. Com efeito, o treinamento de médicos aumentou, a diferença é que agora estudantes de países cujos governos podem pagar são cobrados em uma escala que varia, após negociações financeiras (Suárez; Sacasas; García, 2008; Kirk, 2015).

A AJUDA HUMANITÁRIA DE CUBA FRENTE A PANDEMIA DE COVID-19

O ministério das relações exteriores de Cuba lançou uma declaração apontando que a pandemia mostra a necessidade de cooperação apesar das diferenças políticas, ressaltando que o vírus pode infectar qualquer um sem discriminações. Também foi ressaltado o papel das organizações internacionais, particularmente das Nações Unidas

(ONU) e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ainda, foi apontado que o atual governo dos Estados Unidos ataca o multilateralismo e procura desqualificar a liderança da OMS, além de atacar a cooperação internacional cubana (Cuba, 2020a).

Ainda na mesma declaração é possível ver o compromisso com a solidariedade e cooperação internacional de Cuba para com o mundo:

A dimensão da atual crise nos obriga a cooperar e praticar a solidariedade, mesmo reconhecendo diferenças políticas. O vírus não respeita fronteiras ou ideologias. Ameaça a vida de todos e é responsabilidade de todos enfrentá-los. Nenhum país deve assumir que é grande, rico ou poderoso o suficiente para se defender, isolado e inconsciente dos esforços e necessidades de outros (Cuba, 2020a, tradução nossa).

O ministério chamou ainda os países que têm maior disponibilidades de recursos a também ajudar os países mais afetados e os que estão menos preparados para lidar com a pandemia. Cuba afirma que o país respondeu a pedidos de cooperação independente de custos econômicos e afinidades políticas (Cuba, 2020a).

Quanto a ajuda enviada, em abril, 21 brigadas de profissionais de saúde foram designadas para participar do esforço nacional e local de 20 países, reforçando ou adicionando brigadas de colaboração médica em 60 países, que se juntaram aos esforços para combater esta doença onde eles já prestavam serviços (Cuba, 2020a).

Um fator importante também citado no site da presidência é o bloqueio comercial e financeiro imposto pelos EUA, que impede que Cuba garanta totalmente o suprimento de materiais e equipamentos que sustentam o sistema de saúde pública e as condições específicas para enfrentar esta pandemia. Como exemplo citado, foi um caso em que uma remessa de ajuda da China que não pôde chegar em Cuba porque a transportadora alegou que o bloqueio econômico dos Estados Unidos a impediu (Cuba, 2020a).

Um caso que obteve grande destaque na mídia foi a ajuda enviada a Itália, a primeira brigada médica cubana do contingente Henry Reeve que assistiu ao país já retornou a Cuba. Durante os dois meses de trabalho humanitário na cidade de Crema, 52 profissionais de saúde, 36 médicos, 15 enfermeiros e 1 gerente de logística, que compõem a brigada, proporcionaram grande rigor profissional e dedicação pessoal, onde houve 5.526 cuidados médicos e mais de 3.600 procedimentos de enfermagem (Cuba, 2020b).

Os dados mais recentes divulgados pelo ministro da saúde de Cuba relata que o país enviou, nos últimos meses, 34 brigadas médicas do contingente Henry Reeve para 27 países, a pedido das autoridades. Até então, essas brigadas médicas trataram mais de 61 mil pacientes contaminados com SARS-Cov2, além das mais de 35 mil pessoas que receberam os serviços de outras 59 brigadas que trabalham no exterior antes do Covid-19 (Cuba, 2020b).

É possível observar o pensamento revolucionário na missão à Itália, a partir da fala de um médico cubano que representa um sentimento compartilhado por sua classe profissional. “Quem diz que não tem medo é um super-herói, mas não somos super-heróis, somos médicos revolucionários” disse Leonardo Fernandez, 68, especialista em terapia intensiva, à Reuters, pouco antes da partida de sua brigada (Acosta, 2020).

Belgrad (1997) aponta que, os governos raramente decidem patrocinar esforços de ajuda humanitária sem considerar como seus próprios interesses políticos podem ser promovidos dessa forma, embora sejam defendidos em bases práticas e éticas.

Apesar de Cuba não se beneficiar economicamente de forma direta com a ajuda humanitária enviada, espera-se que o país seja lembrado no médio e longo prazo, especialmente pela Itália, devido à relação amistosa estabelecida entre os dois países. Isso pode facilitar a firmação de novos acordos comerciais, obter apoio diplomático no cenário internacional, como em fóruns da Assembleia Geral da ONU, e quiçá receber suporte na luta contra os embargos estadunidenses.

A relevância do profissional médico para a saúde pública é inegável, mas é igualmente importante valorizar o papel de outros profissionais da área, como enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, entre outros. A saúde não se sustenta em uma categoria isolada, mas sim no esforço conjunto de diversas especialidades. Durante a pandemia de COVID-19, a resposta humanitária de Cuba foi marcante não apenas pela mobilização de médicos, mas também pela atuação integrada de equipes multidisciplinares, envolvendo uma articulação orgânica entre os diferentes níveis de atenção à saúde, no qual os níveis primários, secundários, terciários e quaternários são de extrema importância no enfrentamento à pandemia (Arias; Santos, 2020; Ashton, 2020; Carvalho et al., 2021; Gorry, 2022). Carvalho et al. (2021) apontam que a estratégia cubana durante a pandemia foi amplamente reconhecida pela sua eficácia e pela inclusão de diferentes profissionais de saúde. O sistema público de saúde cubano implementou medidas socio-sanitárias complexas com sucesso, assegurando o direito à saúde para toda a população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A postura de Cuba na cooperação internacional é influenciada por sua experiência revolucionária e pelos valores de solidariedade e justiça social, refletidos na atuação humanitária durante a pandemia de COVID-19. O internacionalismo médico cubano, oriundo das lutas por independência e soberania política, é exemplificado pela Brigada Henry Reeve, especializada em desastres naturais e epidemias. Cuba enviou materiais essenciais, bem como profissionais de saúde, beneficiando populações em crise. Essa solidariedade deveria servir de exemplo, especialmente para países ditos desenvolvidos, que falharam tanto no âmbito doméstico quanto na cooperação internacional durante a pandemia. Cuba demonstra que, mesmo enfrentando desafios internos, o Estado pode atender às demandas locais e contribuir para o bem-estar global.

Como visto anteriormente, o pensamento revolucionário, principalmente pós-revolução de 1959, se baseia no internacionalismo proletário, na amizade fraterna, na ajuda, na cooperação e na solidariedade dos povos do mundo, especialmente os da América Latina e do Caribe. A Revolução, liderada por Fidel Castro e originada no Movimento 26 de Julho, tinha suas raízes na luta pela libertação nacional, conforme defendido por José Martí. Fidel Castro só descreveu o marxismo-leninismo como a teoria revolucionária em 1961. Portanto, a narrativa inicial da Revolução foca na busca por justiça social e liberdade política, não exclusivamente no marxismo-leninismo.

Vimos que Cuba demonstra seu apoio a outros países com missões médicas desde 1960 e apesar das dificuldades que enfrentou, como o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a qual sua economia dependia mais de 80%, nunca deixou o internacionalismo médico de lado. A cooperação médica passou a ser uma importante fonte de financiamento, tendo sido estipulado que sempre que possível fosse considerada uma compensação pelo menos pelo custo da colaboração humanitária.

A solidariedade de Cuba foi analisada na declaração do Ministério das Relações Exteriores do país, na qual afirma-se que a pandemia mostra a necessidade de cooperação apesar das diferenças políticas, ressaltando que o vírus pode infectar qualquer um sem discriminações. O pronunciamento também salientou o papel das organizações internacionais e apontou que o então governo dos Estados Unidos atacava o multilateralismo e procurava desqualificar a liderança da OMS, além de atacar a cooperação internacional cubana.

Apesar de Cuba não se beneficiar de maneira direta em termos econômicos da ajuda humanitária enviada, é esperado que o país seja lembrado no médio-longo prazo (principalmente pela Itália, tendo em vista a relação amistosa que se firmou entre os países) na hora de se firmar novos acordos comerciais, que obtenha apoio diplomático no cenário internacional, como em fóruns da Assembleia Geral da ONU, ou até receber apoio na luta contra os embargos estadunidenses.

Algumas interpretações mais hostis da realidade e da natureza humana, embebidas no realismo capitalista (Fisher, 2020), podem retratar a solidariedade prestada por Cuba não como uma virtude fraterna, mas como cooperação humanitária enquanto *soft power* (Nye Jr, 2004), ou seja, para influenciar indiretamente, por meios culturais ou ideológicos, o comportamento ou interesses de outros corpos políticos. Nesse sentido, Cuba também visaria validar seu sistema político-econômico-social. No entanto, a proposta cubana se diferencia por sua essência solidária, uma característica que talvez explique seu impacto paradigmático, apesar de a ilha possuir uma economia considerada irrelevante no contexto do capitalismo globalizado. O caráter altruístico cubano, enraizado no idealismo de José Martí, valoriza a liberdade política, a justiça social e a solidariedade entre os povos. A atuação cubana, nesse sentido, não se alinha às correntes tradicionalistas das Relações Internacionais, focadas em ganhos, poder e sobrevivência, sejam aquelas que priorizam a maximização do poder e da segurança, ou as que defendem a democracia liberal e a interdependência econômica por meio do comércio internacional. Deixemos essas concepções para os Estados que vivenciam a lógica burguesa do desenvolvimentismo a todo custo nos diversos âmbitos da política.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Nelson. **Cuban doctors head to Italy to battle coronavirus**. Reuters, Havana, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-cuba/cuban-doctors-head-to-italy-to-battle-coronavirus-idUSKBN219051>. Acesso em: 1 de jul. 2020.

AMNESTY INTERNATIONAL. **The US Embargo against Cuba: Its Impact on Economic and Social Rights**. London: Amnesty International Publications, 2009. Disponível em: [amnesty.org/en/documents/amr25/007/2009/en/](https://www.amnesty.org/en/documents/amr25/007/2009/en/). Acesso em: 27 de jul. 2024.

ARIAS, Edmundo Rivero; SANTOS, María de Lourdes Marrero. Alteraciones psicológicas en profesionales de la salud durante la pandemia de la COVID-19. Prevención desde una Misión Médica. **Revista Cubana de Salud y Trabajo**, v. 21, n. 3, p. 53-58, 2020.

ARISTIZABAL, A. B. et al. La cooperación internacional para el desarrollo. Edición revisada. In: **Cuadernos de Cooperación para el Desarrollo**. Centro de cooperación para el desarrollo. Editorial Universitat Politècnica de Valencia. nº 1, 2010. Disponível em: <http://www.upv.es/entidades/CCD/infoweb/ccd/info/U0566378.pdf>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

ARTARAZ, Kepa. Cuban Medical Internationalism: Origins, Evolution, and Goals. **Journal of Iberian and Latin American Research**, v. 15, n. 2, p. 175-177, 2009.

ASHTON, John. Shoe leather epidemiology in the age of COVID: lessons from Cuba. **Journal of the Royal Society of Medicine**, v. 113, n. 7, p. 282-283, 2020.

AYERBE, Luis Fernando. **A revolução cubana**. São Paulo: Unesp, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BELGRAD, Eric A. The Politics of Humanitarian Aid. In: BELGRAD, Eric A.; NACHMIAS, Nitza. (Ed.). **The Politics of International Humanitarian Aid Operations**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1997.

BIEGON, Rubrick. Cuba in Transition: Perspectives on Reform, Continuity, and Culture. **Latin American Politics and Society**, v. 63, n. 4, p. 146-155, 2021.

CARVALHO, Sérgio Resende et al. Sistemas públicos universais de saúde e a experiência cubana em face da pandemia de Covid-19. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e210145, 2021.

CASTRO, Fidel. **A História me absolverá**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

CUBA. **La pandemia demuestra la necesidad de cooperación pese a las diferencias políticas**. 2020a. Disponível em: <https://www.presidencia.gob.cu/es/noticias/declaracion-del-ministerio-de-relaciones-exteriores/>. Acesso em: 01 de jul. 2020.

CUBA. **Regresa a Cuba la primera brigada médica cubana del Contingente “Henry Reeve” que asistió a Italia**. 2020b. Disponível em: <http://www.minrex.gob.cu/es/regresa-cuba-la-primera-brigada-medica-cubana-del-contingente-henry-reeve-que-asistio-italia>. Acesso em: 01 de jul. 2020.

DEFRONZO, James. **Revolutions and revolutionary movements**. 6. ed. New York: Routledge, 2021.

ERISMAN, H. Michael; KIRK, John M. (Ed.). **Cuban Foreign Policy: Transformation under Raúl Castro**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.



FITZ, Don. **Cuban Health Care: The Ongoing Revolution**. New York: Monthly Review Press, 2020.

GÓMEZ-GALÁN, Manuel; SANAHUJA, José Antonio. **El sistema internacional de cooperación al desarrollo: una aproximación a sus actores e instrumentos**. Madrid: Cideal, 1999.

GORRY, Conner. Global collaboration in times of COVID-19: Cuba's emergency medical contingent. **MEDICC review**, v. 22, p. 64-66, 2022.

GUEVARA, Che. **Textos políticos**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

HUIISH, Robert. Going where no doctor has gone before: the role of Cuba's Latin American School of Medicine in meeting the needs of some of the world's most vulnerable populations. **Public health**, v. 122, n. 6, p. 552-557, 2008.

KIRK, John M. **Healthcare without borders: understanding Cuban medical internationalism**. Gainesville: University Press of Florida, 2015.

LARANJEIRO, Catarina. The Cuban Revolution and the liberation struggle in Guinea-Bissau: Images, imaginings, expectations and experiences. **The International History Review**, v. 42, n. 6, p. 1319-1338, 2020.

LAZZARETTI, M. Ângelo. AS BASES TEÓRICO-IDEOLÓGICAS NORTEADORAS DAS AÇÕES COLETIVAS DO MST. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 22, n. 43, p. 97-115, 2000.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2021.

MARTÍ, José. **Nossa América: antologia**. São Paulo: Hucitec, 1983.

MEDIN, Tzvi. Ideología y conciencia social en la Revolución Cubana. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, v. 8, n. 1, 1997.

MILANI, Carlos R. S. Evolução Histórica da Cooperação Norte-Sul. In: SOUZA, André de Mello e. (Org.). **Repensando a cooperação internacional para o desenvolvimento**. Brasília: Ipea, 2014. p. 33-56.

MOLINA, Joaquín; TASCA, Renato; SUÁREZ, Julio. Monitoramento e avaliação do Projeto de Cooperação da OPAS/OMS com o Programa Mais Médicos: reflexões a meio caminho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 2925-2933, 2016.

NYE JR, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

OCHA - UN Office for the Coordination of Humanitarian Affairs. **OCHA on Message: Humanitarian Principles**. 2017. Disponível em:



https://www.unocha.org/sites/unocha/files/OOM-humanitarianprinciples_eng_28Feb2017_0.pdf. Acesso em: 12 ago. 2020.

PAHO/WHO - Pan American Health Organization/World Health Organization.
Cuba's Henry Reeve International Medical Brigade receives prestigious Award.

2017. Disponível em:

https://www.paho.org/hq/index.php?option=com_content&view=article&id=13375:cuba-henry-reeve-international-medical-brigade-receives-prestigious-award&Itemid=42353&lang=en. Acesso em: 23 jun. 2020.

ROLLO, Rosane Machado; WEBER, Douglas Luís. O Sistema Nacional de Saúde cubano e a geopolítica: reflexões a partir de vivências in loco. **Ágora**, v. 20, n. 2, p. 14-26, 2018.

SAMPAIO, Amanda Leite de. **Escrita epistolar e letras do afeto em José Martí**. 2013. 256f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2013.

PEREZ-LÓPEZ, Jorge. Cuba's external sector and the VI Party Congress. **Cuba in Transition**, v. 21, p. 437-450, 2012.

SILVA, Marcos Antonio. Contribuições e legados revolucionários e as encruzilhadas cubanas: uma análise de “El pensamiento del Che y el legado de Fidel sobre la transición socialista: aproximaciones a su vigencia en Cuba”. **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, v. 12, n. 2, 2022.

SILVA-VALIDO, Jorge Alberto et al. Experiencia de la Brigada Médica Cubana “Henry Reeve” en el enfrentamiento a la COVID-19 en Sudáfrica. **Revista Información Científica**, v. 100, n. 6, 2021.

SOUZA, André de Mello e. Repensando a cooperação internacional para o desenvolvimento. In: SOUZA, André de Mello e. (Org.). **Repensando a cooperação internacional para o desenvolvimento**. Brasília: Ipea, 2014. p. 11-30.

SQUIRES, Neil et al. Medical training for universal health coverage: a review of Cuba–South Africa collaboration. **Human Resources for Health**, v. 18, p. 1-10, 2020.

STRECK, Danilo R. **José Martí & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SUÁREZ, Ileana del Rosario Morales; SACASAS, José A. Fernández; GARCÍA, Francisco Durán. Cuban medical education: aiming for the six-star doctor. **Medicc Review**, v. 10, n. 4, p. 5-9, 2008.

TORRES, Jenniffer Rivero; VILLAR, David Alberto Martínez. Apuntes históricos de la cooperación médica internacional del Contingente “Henry Reeve”. **Revista Estudiantil HolCien**, v. 4, n. 3, 2023.

WERLAU, Maria. Cuba's business of humanitarianism: the medical mission in Haiti. **Cuba in Transition**, v. 21, p. 194-212, 2011.



SABERES

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Volume 24, Nº01, 2024, ISSN 1984-3879

YAFFE, Helen. Cuban Medical Internationalism: A Paradigm for South–South
Cooperation. **International Journal of Cuban Studies**, v. 15, n. 2, p. 203-234, 2023.

Submetido em: 05/04/2024

Aceito em: 10/09/2024